

# “Não é nada demais botar um beat numa milonga”

No intervalo entre compromissos acadêmicos e solidários, nos abrigos para desabrigados pelas enchentes, Clarissa Ferreira concedeu esta entrevista em seu apartamento em Porto Alegre, onde vive com o namorado Lucas Ramos e a gata Hermeta Jurema. Sua fala perpassa inquietações, vivências e a situação de emergência em que se encontra o Estado.

**Jornal do Comércio - Teu avô era radialista? Como foram teus primeiros contatos com a música?**

**Clarissa Ferreira** - Meu avô materno, Artaxerxes Figueiró, era radialista de um programa precursor, na Rádio Difusora, em Bagé, com a temática regionalista. Foi um super incentivador do meu caminho na música. Mas eu não tenho a vivência da cultura gaúcha dos CTGs lá de Bagé. Minha família não vem desse movimento. Eu fui ter esse contato posteriormente, como profissional. Eu sempre fico tentando buscar essas memórias, das músicas que eu ouvia nesse tempo, das nossas vivências cotidianas, os churrascos de domingo.

**JC - Que repertório tu recordas?**

**Clarissa** - Bah, *Vitória Régia* (de Wilson Paim) tocava muito quando eu era pequena. O meu tio também levava uma coletânea de discos em vinil, que tinha vários clássicos daquele período. Eu fui conhecer mesmo o repertório depois, quando comecei a conviver com músicos e pesquisadores, a entender as músicas uruguaias e argentinas.

**JC - E pela música brasileira, quando começou teu interesse?**

**Clarissa** - Quando eu comecei a consumir música de uma forma mais consciente, foi MPB, Elis Regina, Chico Buarque, Djavan. Lembro que os primeiros downloads que eu consegui fazer, era para ouvi-los. Foi um *start* para querer estudar música, principalmente pela letra. Os acontecimentos históricos que eu começava a conhecer pelas canções, tudo isso me fez despertar. A música poderia me ensinar em vários aspectos, é conhecimento puro.

**JC - Mas tu começaste como instrumentista. Como foi a transição para a canção?**

**Clarissa** - Eu já estava bem adiantada na graduação, no violino, e entrei em crise. Acho que é muito comum um estudante de música entrar em crise. Pois a graduação ainda está com uma raiz

muito colonial, erudita, e a gente vem de outras vivências, e acaba se afastando do que nos aproximou da música. Num momento, não tinha ânimo para pegar o violino, e tinha um repertório para cumprir todo semestre na faculdade. Foi um momento bem paradigmático, vendo que a música que eu tocava era uma e a música que eu ouvia era outra. Não fechava.

**JC - Da crise, tu chegas ao lançamento do primeiro disco. Hoje tu tens uma identidade definida, dentro de um gênero específico?**

**Clarissa** - É uma questão que eu penso bastante. Fico tentando não me definir, mas me compreender para que isso ajude outras pessoas a compreender também qual é o meu trabalho. É uma necessidade que a gente tem por viver num mercado e num processo com tantas ferramentas de comunicação. Como é que a gente faz, de forma eficaz, para chegar nas pessoas com a nossa mensagem? Ao longo desses três anos de gravação, fui pensando muito nisso, já tinha uma proposta desde o início, e ela se concretizou.

**JC - Que proposta é essa?**

**Clarissa** - É fazer um trabalho que bebesse da fonte do regionalismo, pensando-o como uma construção social, localizada no Rio Grande do Sul. Mas também numa forma antropofágica, de pegar tudo isso e digerir. E eu me identifico com isso, de criar com esses ritmos e fazer milonga do meu jeito, do jeito que eu entendo ela, do jeito que eu consigo. Não tem um peso, no sentido de eu ter que corresponder a uma expectativa sobre uma tradição. Tento ver hoje isso de uma forma leve. Penso que eu faço música ecofeminista. Música gaúcha feminista. Várias formas, né. Música pós-gaúcha. Já usei, já escrevi sobre isso. Também é música popular gaúcha, que é um termo que já estava aí.

**JC - Teu disco começa com uma levada bossa, com programações, que remete a artistas contemporâneos da MPB. É uma forma de dialogar com uma cena?**

**Clarissa** - Com certeza. Acho que é natural também, porque as músicas que eu consumo fazem uso dessas sonoridades. Até então, parecia que era um pouco proibido. E não é nada demais botar um beat numa milonga. Mas, já que parece proibido, vamos fazer pra ver como é que fica. Tem um pouco disso. Acho que o disco é provoca-

tivo, descaradamente. As músicas trazem essa questão, às vezes com humor, às vezes uma crítica bem forte e direta. E que se ressignificou agora, pós-maio de 2024.

**JC - Tu já pensaste o disco como música de protesto?**

**Clarissa** - É, eu acho que vem dessa ideia, mesmo. Inclusive, o protesto foi ficando um pouco mais delicado com o tempo, na minha composição. Porque a primeira que eu lancei foi *Manifesto Líquido*, que é curta e grossa na mensagem, falando sobre o machismo na cultura gaúcha. Mas ao longo desse meu curto tempo de compositora, desde 2016, fui tentando chegar numa linguagem um pouco mais acessível.

Enfim, o disco vem nesse sentido de protesto. Porque vem marcar que é um disco criado por uma mulher, nesse contexto regionalista, e afirmando uma bandeira mesmo. Tivemos muitas mulheres que fizeram. Mas os discos considerados canônicos são compostos por homens. E até quando falam de mulheres, são também escritas masculinas falando sobre. Nesse contexto, o que era pra ser só uma questão de gênero, nunca é. Porque, quando a gente fala de feminismo, é sobre repensar todo um sistema possível, de vida para nós, para os animais, para todos os seres.

**JC - E teu disco foi lançado um mês antes da catástrofe climática.**

**Clarissa** - Ninguém imaginava o que aconteceu em maio. E mudou um pouco o meu entendimento. O que eu cantava com um pouco mais de raiva, hoje eu canto com um pouco mais de dor. Porque o que a gente cantava acabou se tornando realidade muito rápido. Agora, fico pensando sobre criticar o Rio Grande do Sul. Porque o meu trabalho é uma crítica à cultura hegemônica do Estado. De que forma a gente pode continuar fazendo isso, num momento de fragilidade? De não cutucar a ferida, mas sim mostrar outras formas de existir. Eu acho que esse é o grande desafio. Pensar em possibilidades de continuar mirando um horizonte.

**JC - No teu livro, chama atenção a análise sobre Berenice Azambuja. Tu tens a preocupação de trazer para o debate assuntos que não estão sendo tratados?**

**Clarissa** - Sim. Muito disso se dá por eu ser da etnomusicologia, da gente pensar na música como uma ferramenta de melhoria social. A música pode nos dizer muito

sobre os rumos que se tem tomado. Acabei voltando pra buscar histórias de mulheres que construíram seus caminhos num contexto diverso - talvez pior que o nosso hoje. Porque não acho também que a gente melhorou muito na questão desse machismo musical. Mas a Berenice foi uma personagem para pensar nessa transgressão, para se inspirar e perceber como hoje ainda existem preconceitos e falta de interesse em conhecer a história de algumas pessoas - histórias que nos falam tanto, como da Berenice, da sua sexualidade, da forma como ela lidava, de uma forma muito inteligente, para conseguir estar dentro desses espaços.

**JC - Hoje, o contexto é de mais coletividade do que era para a Berenice?**

**Clarissa** - Acho que sim, por uma questão de necessidade. A Berenice conseguiu gravar muitos discos, por gravadoras. Então, o contexto era bem mais favorável. Isso falando em junho de 2024, no Rio Grande do Sul, onde a gente está tendo que reestruturar toda a cena. A gente está num momento de

precarização do trabalho musical. Já não vinha muito bem e ainda passa por isso tudo. Todo mundo sendo obrigado a parar, por cancelamento de agenda. A única forma da gente vislumbrar um futuro é a partir dessa coletividade.

**JC - Para quem não está dentro do circuito dos festivais, como é lançar um disco e encontrar o público?**

**Clarissa** - É uma descoberta. Eu tenho focado mesmo num outro público que não é do circuito dos festivais nativistas. E nem dos shows regionalistas, não me vejo nesse espaço. Já tenho uma outra entrada, que é nas feiras de livros, esses outros espaços de música autoral independente, que é um circuito efervescente no Brasil e toda América Latina. Eu tinha muitas expectativas com esse lançamento. Trabalhei incansavelmente e tinha planos de tocar em vários lugares do País. Ainda é um desejo. Mas também sinto a necessidade de tocar para quem está perto. Porque acho que pode dar um acalanto, nesse contexto que a gente está vivendo.



Clarissa Ferreira: “Muitas mulheres fizeram, mas canônicos são os homens”

